

**INSTITUTO CULTURAL DO CARIRI E A
INVENÇÃO DE UMA TRADIÇÃO
PAISAGÍSTICA PARA O SUL CEARENSE (1950-
1970)**

**INSTITUTO CULTURAL DO CARIRI AND
THE INVENTION OF A LANDSCAPE
TRADITION FOR SOUTH CEARÁ (1950-1970)**

JANE SEMEÃO*

Resumo: No ano de 1953 foi fundado em Crato, Ceará, o Instituto Cultural do Cariri, cuja meta principal era a de promover o “alevramento moral, intelectual e material da região” caririense. Este artigo objetiva discutir em quais termos foram (re)desenhados os contornos geográficos para o Cariri a partir da seleção e ordenamento de elementos naturais recolhidos de sua realidade ambiental. Assim, buscamos compreender a associação de “dados” da natureza a partir de três perspectivas: 1- em continuidade a uma “tradição paisagística particular” operada desde gerações anteriores, formadora de uma percepção comum do que seria o Cariri geograficamente; 2- como integradora e legitimadora de sua representação de oásis a partir de determinados conteúdos culturais; 3- como conjunto de valores formador de fronteiras culturais para o Cariri. Dessa forma, analisamos os “lugares comuns” que organizaram e conduziram à instituição de um olhar paisagístico que fundamentava a identidade regional. O que é feito a partir da identificação e cruzamento de imagens recorrentes sobre aspectos da natureza local presentes em escritos produzidos por agentes do instituto, na determinação do que seriam suas particularidades regionais. Concluimos que suas produções atualizavam e perpetuavam formas de compreensão e de atribuição de sentidos que orientavam o olhar e conformavam fronteiras identitárias para a região.

Palavras-Chave: Instituto Cultural do Cariri, Cariri cearense, Paisagem.

Abstract: In 1953, the Cultural Institute of Cariri was founded in Crato-Ce. The main goal was to promote the “moral, intellectual and material uplift of the region”. This article aims to discuss in what terms the geographic contours for Cariri were (re)designed from the selection and ordering of natural elements collected from its environmental reality. Thus, we seek to understand the association of “data” of nature from three perspectives: 1- in continuity with a “particular landscape tradition” operated from previous generations, forming a common perception of what would be Cariri geographically; 2- as an integrator and legitimizer of its representation of oasis based on certain cultural contents; 3- as a set of values that form cultural borders for Cariri. In this way, we analyze the “common places” that organized and led to the institution of a landscape look that based the regional identity. What is done from the identification and crossing of recurrent images about aspects of local nature present in writings produced by agents of the institute, in the determination of what would be their regional particularities. We concluded that their productions updated and perpetuated ways of understanding and attributing meanings that guided the look and shaped identity boundaries

* Professora Doutora do Departamento de História da Universidade Regional do Cariri (e-mail: jane.semeao@urca.br).

for the region.

Keywords: Instituto Cultural do Cariri, Cariri cearense, Landscape.

Introdução

O Instituto Cultural do Cariri (ICC)¹, fundado no ano de 1953 na cidade do Crato, no sul cearense, nasceu sob a égide do discurso regionalista. Apesar de seu traço cratense e das disputas intrarregionais por hegemonia, a agremiação firmou-se no cenário intelectual e político como promotora do desenvolvimento regional tornando-se, assim, importante catalizadora dos anseios por progresso e detentora do poder legítimo de fala sobre a região.²

Montada a instituição, definido seu funcionamento, seus objetivos, programa de ação e arregimentados seus sócios, se fez necessário também delimitar o corte geográfico de sua atuação. Nos Estatutos do ICC, lê-se que o espaço no qual a agremiação teria jurisdição compreenderia os municípios de “Crato, Juazeiro, Barbalha, Missão Velha, Jardim, Santanopole [Santana do Cariri], Milagres, Caririassú, Quixará [Farias Brito], Araripe, Campos Sales, Assaré, Brejo Santo e Mauriti”.³ A preocupação em estabelecer os limites do que se considerava constituir o Cariri demonstra a instabilidade de seus contornos regionais, deslocados de acordo com os interesses e as instituições que nele atuavam tornando, dessa forma, sempre necessária a pergunta sobre o que seria a região propriamente dita.⁴ Diante desse quadro, é compreensível a preocupação dos fundadores do ICC em demarcar, no artigo

¹ Daqui em diante será referido apenas como ICC. A instituição ainda está em funcionamento, mas seu período de maior efervescência intelectual e política correspondeu às décadas de 1950 a 1970.

² Este artigo resulta de um dos capítulos de minha tese de doutoramento, financiada pela CAPES e defendida em 2019. O objetivo do trabalho foi analisar a inserção da natureza nos projetos e representações da regionalidade dos fundadores e sócios do Instituto Cultural do Cariri, examinando suas formas de “culturalização” enquanto paisagem na construção de uma representação paisagística identitária para o Cariri cearense entre os anos 1950 e 1970.

³ **Estatutos do Instituto Cultural do Cariri** (1976). Disponível em: <http://icccrato.blogspot.com.br/search?q=estatuto>. Acesso em: 02 mar. 2016.

⁴ A discussão sobre o que seria o Cariri em termos territoriais começou a ganhar relevância na década de 1940, com a oficialização da primeira regionalização do Brasil empreendida pelo IBGE. Não por acaso, José de Figueiredo Filho, em função das discussões sobre o “Dia do Cariri” tematizou a questão de seus limites em matéria de jornal, no ano de 1950. Demonstrando discordância, disse ter estranhado durante a campanha “o grande número de municípios a serem enquadrados na região que eu julgava ser muito menor”. Apesar de não os mencionar, contabilizou vinte e uma “comunas”. FIGUEIREDO FILHO, José de. O que é o Cariri propriamente dito? **Jornal O Município**, Crato, ano 1, n. 10, 29 de março de 1950, p.7. A primeira divisão regional do Brasil, cujas normas foram estabelecidas pela Resolução nº 77 de julho de 1941, foi oficializada em 1945 com a seguinte configuração: Grandes Regiões (05), Regiões (30), Sub-regiões (79) e Zonas Fisiográficas (228). Cf: CUNHA, Maria Soares da. **Pontos de (re)visão e explorações historiográficas da abordagem regional**: exercício a partir do Cariri cearense (séculos XIX e XX). 2012. Tese (Doutorado em Geografia) – Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2012; GUIMARÃES, Fábio de Macedo Soares. **Divisão Regional do Brasil**. Rio de Janeiro: IBGE, 1942. Disponível em: <http://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/monografias/GEBIS%20-%20RJ/divisaoregionalbrasil.pdf>. Acesso em: 21 ago.2016.

terceiro de seus estatutos, o que consideravam corresponder à base geográfica do Cariri cearense.

É sabido que a instituição de limites fronteiriços, mesmo que elásticos, reais ou imaginários, participa do ato de incluir e excluir um componente característico da produção de identidades nacionais e regionais. Muito embora o sentimento de pertencimento a uma região e suas representações nem sempre coincidam com divisões administrativas organizadas tecnicamente pelo poder estatal ou outros órgãos, como foi o caso da regionalização do espaço caririense operada pela elite letrada do ICC, os sentidos de comunidade normalmente vinculam-se a um conjunto de elementos simbólicos e materiais que se referem a uma determinada delimitação espacial. Dito de outra forma, a região e a identidade regional são imaginadas através de um forte sentimento de pertença a um espaço delimitado e estável. Dessa forma, lagos, montanhas, rios, fauna e flora, por exemplo, são tornados fronteiras e/ou paisagem singular do território em que se vive.

O desenvolvimento e interiorização de laços simbólicos e afetivos com a “terra natal” recorre, nesse aspecto, à combinação entre tempo e espaço.⁵ Aos antecedentes históricos, heróis, monumentos, lugares de memória, às tradições e lendas combina-se a identificação a um território comum como elemento emotivo de autoidentificação e de unidade regional. No sul cearense, os membros do ICC desempenharam papel central no inventário e cumprimento de uma “*check-list* identitária”⁶ para o Cariri cearense a partir do entrelaçamento de personagens (heróis), acontecimentos históricos, cultura (folclore) e natureza sob o rótulo do peculiar.

Assim é que, entre desacordos e interferências externas sobre a cartografia regional, seus sócios preocuparam-se em definir o que consideravam constituir o Cariri e o que, nesse aspecto, o diferenciava de outras regiões. Entre os critérios de singularização, suas características ambientais forneceram parte significativa do repertório identitário que resultou numa representação geográfica em conflito, quase sempre, com os limites regionais recortados por pesquisadores e técnicos forasteiros. O caráter regional impresso ao Instituto

⁵ CATROGA, Fernando. Pátria, Nação, Nacionalismo. In: TORRAL, Luís Reis; PIMENTA, Fernando Tavares; SOUSA, Julião Soares (coords.). Comunidades Imaginadas. Nação e nacionalismos em África. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2008, p. 9-39; HALL, Stuart. A identidade cultural na pós-modernidade. Rio de Janeiro: DP&A, 2000.

⁶ THIESSE, Anne-Marie. Ficções criadoras: as identidades nacionais. Anos 90, Porto Alegre, 9(15), p.7-23, 2008. Disponível em: <http://www.seer.ufrgs.br/anos90/article/viewFile/6609/3932>. Acesso em: 10 set. 2014. THIESSE, Anne-Marie. “La Petite Patrie enclose dans la grande”: regionalismo e identidade nacional na França durante a Terceira República (1870-1940). Estudos Históricos, Rio de Janeiro, v. 8, n. 15, p. 3-16, 1995.

e seu projeto político e cultural, pois, não poderia prescindir de uma definição espacial do Cariri.

Este artigo objetiva, portanto, discutir em quais termos foram (re)desenhados os contornos geográficos para a região a partir da seleção e ordenamento de elementos naturais recolhidos de sua realidade ambiental. Procuramos, assim, compreender a associação de “dados” da natureza a partir de três perspectivas: 1- em continuidade a uma “tradição paisagística particular” operada desde gerações anteriores, formadora de uma percepção comum do que seria o Cariri geograficamente; 2- como integradora e legitimadora de sua representação de oásis a partir de determinados conteúdos culturais; 3- como conjunto de valores formador de fronteiras culturais para o Cariri. Nesse sentido, analisamos os lugares comuns que organizaram e conduziram à instituição de um olhar paisagístico que fundamentava a identidade regional. O que é feito a partir da identificação e cruzamento de imagens recorrentes sobre aspectos da natureza local presentes em escritos produzidos por agentes do Instituto, na determinação do que seriam suas particularidades regionais.

As fontes utilizadas na confecção deste artigo referem-se a algumas obras, entre livros e artigos, publicados por alguns membros do ICC e que circularam no Cariri, no Ceará e em outros estados do Brasil em função de seu caráter nacional. Para dialogar com algumas delas, embora não seja um trabalho comparativo, foram trazidas produções de décadas anteriores e mesmo do século XIX como forma de identificação e marcação de elementos de continuidade, especialmente, na constituição de uma tradição paisagística para o Cariri cearense.

“O que é o Cariri propriamente dito?”

No processo de construção de uma identidade regional para o Cariri cearense, algumas estratégias discursivas e de inclusão/exclusão dos “objetos” do mundo natural foram adotadas tendo por orientação a marca da particularidade. Nesse aspecto, a Chapada do Araripe e sua influência nas condições ambientais, repercutindo na organização socioeconômica e cultural do Cariri cearense, se tornou importante matriz geradora de representações identitárias e de delimitação geográfica. Daí é ser compreensível os questionamentos e resistências observados no interior do ICC em aceitar e incorporar as divisões impostas pelo poder político, entre os anos 1950 e 1970, às fronteiras caririenses.⁷

⁷ SILVA, Jane D. S e. Um “oásis” chamado Cariri: Instituto Cultural do Cariri, natureza, paisagem e construção

O projeto de (re)escrita da história, de estudo do folclore e dos problemas socioeconômicos do Cariri, preocupações que promoveram uma espécie de redescoberta da região pelos intelectuais do ICC em sua luta pelo desenvolvimento regional, exigiu uma definição do que espacialmente lhe corresponderia. Pois, como afirmou José Newton Alves de Sousa no II Simpósio de História do Nordeste:

[...] é que o homem, mesmo tendendo a uma cidadania universal, mesmo planetarizado ou interplanetarizado, estará sempre a elaborar sua história dentro de coordenadas de tempo-espço por sua imediata situação em vínculo telúrico. [...] **O homem, quer como indivíduo, quer como povo, é talhado ao jeito do espaço físico-humanizado em que se forma.**⁸

Poucos anos antes da fundação do ICC, dois de seus principais intelectuais e parceiros nas pesquisas históricas sobre a região, Irineu Pinheiro e Padre Antônio Gomes de Araújo, este ex-aluno daquele, já haviam divulgado em seus trabalhos o que consideravam ser o Cariri. A diferenciá-los, dois municípios.⁹ Mais que os motivos da pequena divergência, importa aqui assinalar que à resistência em adotar o recorte estabelecido pelo IBGE¹⁰ sobrepôs-se a escolhapelo que foi chamado de o “Cariri tradicional”, representado por Irineu Pinheiro em suas obras e significativamente forte até meados da década de 1970. Nesse sentido, José de Figueiredo Filho, em artigo publicado no jornal O Município, lançou uma pergunta a Irineu Pinheiro sobre o que seria o “Cariri propriamente dito?”, recebendo como resposta uma constelação de onze municípios. Acompanhava a seleção um conjunto de

identitária do sul cearense (1950-1970). 2019. Tese (Doutorado em História) - UFRGS, Porto Alegre, 2019. A Chapada do Araripe está cravada nas divisas com os estados de Pernambuco e Piauí, possui superfície tabuliforme e aproximadamente 180 Km de comprimento, no seu eixo leste/oeste, e variação de 30 a 70 Km de largura, no seu eixo norte/sul. Em suas porções mais elevadas, seus níveis de altitude alcançam de 850 a 1000 metros, tendo seu topo uma área de 7.500 Km². De suas encostas brotam várias nascentes que irrigam o sopé da Chapada e seus brejos. Caracterizada por clima tropical úmido, proporciona temperaturas relativamente amenas durante boa parte do ano, se comparadas ao entorno semiárido. Esse fator se reflete também em sua formação vegetal, que abriga os biomas Caatinga, Mata Úmida, Cerrado e Carrasco. MAGALHÃES, Alexsandra de Oliveira. Análise ambiental do alto curso da microbacia do Rio da Batateira no município do Crato/Ce: subsídios ao zoneamento ecológico-econômico. 2006. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2006, p. 21; SILVA NETO, Basílio. Perda da vegetação natural na Chapada do Araripe (1975-2007) no estado do Ceará. 2013. Tese (Doutorado em Geografia) - UNESP, São Paulo, 2013, p. 69.

⁸ SOUSA, José Newton Alves de. Contribuição do Cariri cearense à historiografia do Nordeste. Revista Itaytera, Crato, ano 15, 1971, p. 165. Grifos meus. Texto apresentado no II Simpósio de História do Nordeste, realizado no Instituto Central de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal da Paraíba em 1971. O autor era um importante membro do ICC.

⁹ ARAÚJO, Antônio Gomes de. Concurso da Bahia na formação da gens careirense. In: _____, Povoamento do Cariri. Crato: Faculdade de Filosofia do Crato, coleção Estudos e Pesquisas, v. 6, 1973, p. 18-19. Os municípios por ele relacionados são: Crato, Juazeiro do Norte, Barbalha, Santana do Cariri, Missão Velha, Jardim, Brejo Santo, Mauriti, Milagres; PINHEIRO, Irineu. O Cariri. Seu descobrimento, povoamento, costumes. Fortaleza: Fundação Waldemar Alcântara, 2009. [fac-símile da edição de 1950], p. 7; _____. Efemérides do Cariri. Fortaleza: Edições UFC, 2010. [fac-símile da edição de 1963], p. 14. Em Antônio Gomes de Araújo, como pode ser observado, não são incluídos os municípios de Quixerá [Farias Brito] e Caririçu. Ambos os autores foram idealizadores e membros do ICC.

¹⁰ CUNHA, op. cit.; GUIMARÃES, op. cit

valores determinadores, em sua visão, do que seria a região:

Que se deve entender por Cariri? Quem nasceu e tem vivido ali sabe e sente que o caracterizam suas águas perenes jorrantes das faldas do planalto do Araripe, sua vegetação verde nos sítios, seus buritis e babaçus de porte tão elegante, seus canaviais ao pé-de-serra do Araripe e dos brejos vizinhos, seus engenhos que moem canas-de-açúcar e cheiram a mel, seus bois tardos e pacientes que ruminam nas bagaceiras ao lado de burros irrequietos que, durante o dia, de sol a sol, cambitam nas moagens num vaivém contínuo dos cortes dos sítios para o pé dos engenhos e vice-versa, suas lindíssimas paisagens vistas das ladeiras da chapada araripina.

Pode-se dizer, segundo me parece, que ele compreende *in totum* ou em parte os seguintes municípios: Crato, Missão Velha, Barbalha, Juazeiro do Norte, Caririáçu, Jardim, Milagres, Mauriti, Brejo Santo, Farias Brito (antigo Quixará), Santana do Cariri.¹¹

Essa descrição pictórica também abre a introdução de seu livro “Efemérides do Cariri”.¹² Em sua obra anterior, “O Cariri. Seu descobrimento, povoamento, costumes”, encontramos a mesma percepção paisagística:

O Cariri é uma região que compreende *in totum* ou em parte os seguintes municípios no extremo sul do Ceará: Crato, Barbalha, Juazeiro, Missão Velha, Milagres, Mauriti, Brejo Santo, Jardim, Santanópolis [Santana do Cariri], S. Pedro, hoje Caririassú, Quixará.

É assim que o povo caririense entende a região em que mora, sem dar-lhe limites exatos de rios, relevos geográficos etc.

Sua vegetação sempre verde e suas águas perenes contrastam singularmente com os sertões semiáridos que o circundam.

Ufanam-se [os caririenses] de suas águas correntes, suas paisagens verdejantes nos mais rigorosos estios, suas fruteiras, seus brejos, o habitat, por excelência, da cana de açúcar, suas palmeiras eretas como sentinelas em torno de suas cidades e vilas etc.¹³

De forma textual ou parafraseada, os atributos utilizados por Irineu Pinheiro para nomear o Cariri e ordenar sua paisagem aparecem em vários dos escritos produzidos por membros do ICC contribuindo, dessa forma, para sua durabilidade enquanto características identitárias do sul cearense, como indica o exemplo a seguir:

Caracteriza-se esse Cariri, sobejamente, ainda, por oferecer uma paisagem paradisíaca: com cantar murmurante de suas águas perenes jorrando abundantemente das fontes do sopé da majestosa Chapada do Araripe; com a vegetação gritantemente verdejante dos inúmeros e férteis sítios e pomares; seus perdulariamente aristocráticos e elegantes babaçus e buritis buscando a placidez azul do firmamento; seus farfalhantes canaviais de pé-de-serra e dos ubérrimos brejos circunvizinhos; seus inúmeros engenhos de moer cana de açúcar cheirando apetitosamente a mel, com suas bagaceiras adornadas por bois pacientes e tardos ruminando nos momentos de folga das almanjarras e seus burricos supinamente manhosos e irrequietos, cochilando após a faina contínua do cambitar cana ou sua palha dos ‘cortes’ para o pé das moendas; tudo isso culminando com lindíssimo panorama descortinado das ladeira das encostas araripanas [...].¹⁴

¹¹ FIGUEIREDO FILHO, José de. O que é o Cariri propriamente dito? *Op. Cit.* Grifos meus.

¹² PINHEIRO, Irineu. Efemérides do Cariri. *Op. cit.*, p. 13.

¹³ PINHEIRO, Irineu. O Cariri. Seu descobrimento... *Op. cit.*, p. 7. Grifos meus.

¹⁴ PINHEIRO, Raimundo Teles. O Cariri cearense. Revista Itaytera, Crato, ano 23, 1979, p. 171. Nasceu no

Apesar das transformações ambientais em função da exploração dos recursos naturais –como esgotamento do solo e erosão – e ampliação física do território caririense pelo poder político, a apresentação que Raimundo Teles Pinheiro fez do Cariri resgata, quase três décadas depois, os mesmos elementos naturais de referência e o mesmo enquadramento realizado por Irineu Pinheiro em 1950. A fidelidade à representação de um Cariri de águas abundantes e solo úbere, apesar da extensão de suas fronteiras para distante dos sopés da Chapada do Araripe, indica tanto a validade do compromisso firmado nos estatutos do ICC de valorização da região como a força persuasiva de uma “tradição paisagística particular”¹⁵ que se instituía desde o século XIX conformadora de uma representação geográfica para a região.

Assim, se a produção dos intelectuais reunidos no ICC não pode ser tomada como ponto inaugural da representação de um Cariri fértil, de vegetação sempre verde e águas abundantes, ela deve ser inserida, contudo, no processo de constituição de um imaginário fundador de uma identidade regional no qual se colocavam em primeiro plano as particularidades e belezas de sua natureza. Ao dar prosseguimento ao expediente iniciado por seus antecessores, dos quais se consideravam herdeiros de suas virtudes morais, intelectuais e de compromisso com a terra natal, aprofundaram os alicerces de um repertório no modo de ver a região sintetizada metaforicamente pela imagem síntese de oásis.

Voltando às citações de Irineu Pinheiro, destaco, para melhor compreensão do que foi dito acima, dois aspectos em sua descrição do Cariri que se ancoraram numa tradição paisagística que se inventava desde o oitocentos. O primeiro deles refere-se ao valor que é dado ao lugar de fala daquele que classifica a região, indicando a experiência dos que nela nasciam e viviam como condição para sua adequada definição. A frase “quem nasceu e tem vivido ali sabe e sente” expõe a resistência em aceitar o olhar técnico-estrangeiro que redesenhava, para fins político-administrativo, o território caririense, expandindo-o para além do que se compreendia serem suas fronteiras tradicionais. O não reconhecimento dos limites fisiográficos estabelecidos oficialmente tinha por principal ingrediente de recusa o fato de não se harmonizar com a unidade de visão estabelecida anteriormente: a paisagem-oásis, importante enunciado cultural de singularização e de capital simbólico entre o Cariri e as terras vizinhas.

Crato, em 1910, e faleceu em 1987. Foi sócio fundador do ICC e sócio titular do Instituto Histórico do Ceará. Grifos meus.

¹⁵ Expressão retirada de SCHAMA, Simon. Paisagem e memória. São Paulo: Companhia das Letras, 1996, p. 26.

O uso dos verbos “saber” e “sentir” reforçava a confiabilidade e, portanto, legitimidade da definição do que seria o “Cariri propriamente dito”. O primeiro por indicar conhecimento da região respaldado pela condição de nascimento/origem, e, o segundo, por conferir, pela via dos sentidos, veracidade à descrição de sua natureza por aqueles que a vivenciavam. Nesse caso, o destaque às percepções sensoriais ressalta a importância das subjetividades no sentido de produzir e fixar os efeitos desejados. Cognição e percepção¹⁶ complementando-se, portanto, na associação região-paisagem a partir da interação entre materialidade (vegetação, rios, nascentes, chapada, etc.) e subjetividade.

Dessa forma, não obstante o fato de Irineu Pinheiro tomar como universal aos caririenses sua própria percepção sensível da natureza, fazendo confusão entre esta e sua forma cultural, sua representação paisagística acionava e encadeava elementos que atravessaram o século XIX demonstrando sua vitalidade nas práticas de constituição de uma identidade regional.

E como não existe paisagem sem um observador, exercendo, então, a visão papel fundamental na apreensão da natureza¹⁷, além das águas perenes, dos buritis, babaçus, canaviais, bois e burros, o verde da vegetação ganhou destaque logo no início de seu texto. Esse aspecto, segundo a ser destacado de sua descrição do Cariri na invenção de uma tradição paisagística para a região ancorada que remonta ao XIX, figurava, ao lado das fontes de água e das características do solo, como importante elemento individualizador da região.

Podemos observar a centralidade desse componente paisagístico quando José de Figueiredo Filho, antes de dar voz ao seu colega e ex-professor para que respondesse à pergunta sobre o que seria o “Cariri propriamente dito?”, lembrou que “desde o tempo de criança” ouvia “se fazer em nosso meio a distinção entre sertão e as terras desta região”, zangando-se quando o chamavam de sertanejo em sua época de estudante em Fortaleza, pois orgulhava-se de ser filho dos “terrenos de verdura perene e de água regadia”.¹⁸ Nota-se em sua declaração, bem como na de seu interlocutor, a condução a uma ideia de ancestralidade na forma em que percebiam e definiam a região.

¹⁶ A percepção, como adverte Ulpiano Meneses, não se resume a meros processos fisiológicos, “envolve organização e reorganização de dados a partir de modelizações, valores, aspirações, interesses etc. Indo além, envolve igualmente práticas que desfazem a antinomia sujeito/objeto, cultura/natureza”. MENESES, Ulpiano Bezerra de. A paisagem como fato cultural. In: YÁZIGI, Eduardo (org.). Turismo e paisagem. São Paulo: Contexto, 2002. p. 33.

¹⁷ CAUQUELIN, Anne. A invenção da paisagem. São Paulo: Martins Fontes, 2007; SCHAMA, *op. cit.*

¹⁸ FIGUEIREDO FILHO, José de. O que é o Cariri propriamente dito? *Op. cit.*, p.7. Grifos meus.

Inventando uma tradição paisagística para o Cariri cearense

A análise da documentação indica, portanto, que foram recorrentes duas estratégias enunciativas de realce do verde da vegetação como característica particular ao Cariri: 1- como forma de apresentar/descrever a região; 2- a utilização do modelo de narrativa de travessia do sertão presente em relatos de viagem. Ambas as situações exprimiam traços identitários a partir do contraste realizado com o semiárido. Em relação à primeira, recupero citação de Irineu Pinheiro que, após relacionar os municípios que fariam parte do Cariri, ressaltou: a “vegetação sempre verde e suas águas perenes contrastam singularmente com os sertões semiáridos que o circundam”.¹⁹

Não diferentemente, Raimundo Teles Pinheiro, parafraseando Irineu Pinheiro, caracterizou o Cariri como região de “vegetação gritantemente verdejante”. Anos antes, em trabalho sobre movimentos político-militares do Crato, classificou-o como “virente vale dos Cariris Novos”, como também o fez José de Figueiredo Filho ao afirmar que “sua natureza é pródiga, [...] de verde constante, contrastando com a caatinga ressequida que o circunda.”²⁰

Algumas outras variações, nessa mesma perspectiva, foram localizadas nas fontes. Assim, em discurso proferido em razão do aniversário do Crato, e a convite da Câmara Municipal, Raimundo de Oliveira Borges referiu-se ao religioso que fundou seu núcleo originário como o instrumento de que Deus “se serviu para engastar a cidade que nascia na moldura verde do Cariri”. Em exposição comemorativa ao sesquicentenário da Revolução de 1817, realizada no Palácio do Comércio de Crato, Antônio Levi Epitácio Pereira empregou o mesmo recurso elogioso que seus colegas nas vezes em que inseriu a natureza como cenário do movimento: “[...] devemos alegrar-nos de poder situar esta pequena ilha verde do Ceará entre os rincões brasileiros que melhor lutaram pela liberdade [...]”. Em outra passagem, disse que o “Ceará representava-se na hora da libertação através deste pedaço verde onde as fontes e os riachos saúdam no marulho de suas águas a independência esperada”.²¹

A representação metafórica do Cariri como “ilha verde” também figurou em

¹⁹ PINHEIRO, Irineu. O Cariri. Seu descobrimento... *Op. cit.*, p. 7.

²⁰ PINHEIRO, Raimundo Teles. *Op. cit.*, p. 171; _____ . Movimentos político-militares (do Crato). Revista Itaytera, Crato, ano 12, 1968, p. 49; FIGUEIREDO FILHO, José de. O Cariri no todo cearense. Revista Itaytera, Crato, ano 17, 1973, p. 148.

²¹ Respectivamente: BORGES, Raimundo de Oliveira. 121º anos da cidade do Crato. Revista Itaytera, Crato, ano 19, 1975, p. 103. Discurso proferido em sessão solene da Câmara Municipal do Crato, em 17 de outubro de 1974, em comemoração ao aniversário de elevação do Crato à categoria de cidade. À época, Raimundo Borges também era Diretor da Faculdade de Filosofia do Crato; PEREIRA, Antônio Levi Epitácio. No dia 3 de maio de 1967. Revista Itaytera, Crato, ano 11, 1967, p. 67-68. Quando da fundação do ICC em 1953, Epitácio morava em Iguatu, no centro sul do Ceará, e foi incorporado à instituição como sócio correspondente.

trabalhos de José de Figueiredo Filho. No parágrafo inicial de escrito publicado na Revista de História da Universidade de São Paulo, e posteriormente reproduzido em Itaytera, assim apresentou a si próprio e a região: “Sou filho autêntico do âmago do Nordeste brasileiro. Nasci e criei-me em pleno Cariri cearense [...]. É ilha de verdura no meio da caatinga ressequida, tão bem descrita esta pelo imortal Euclides da Cunha”.²² A marcação de diferença entre o “verdejante” Cariri cearense e o sertão, de um modo geral, foi repetida em livro:

O Cariri do Ceará é uma espécie de zona da mata pernambucana ou dos brejos na Paraíba. É o **verdadeiro oásis cearense**, como muitos o denominam. É uma **ilha verdejante** cercada da zona sertaneja criadora. **No tempo da estiagem é que o contraste da natureza se torna bem flagrante.**²³

Como mostram os excertos, a tonalidade verde da vegetação e sua constância em todas as estações do ano foram incorporadas como valor paisagístico identitário, não diferindo em sua forma de apresentação e em seus efeitos, ou seja, a de uma paisagem-oásis, ao que se observa no oitocentos.²⁴ A percepção visual, portanto, era a que mais imediatamente estimulava emoções em função dos contrastes que se observava em relação às áreas de caatinga. Não à toa ter sido a visão, como indica a documentação consultada, fortemente explorada no estabelecimento e legitimação das fronteiras culturais entre o Cariri e regiões vizinhas.

A narrativa de travessia, essa a segunda estratégia enunciativa do verde enquanto “metáfora da paisagem”²⁵ caririense, foi também importante modelo discursivo na invenção de uma paisagem particular à região. Assim, os viajantes George Gardner e Freire Alemão, o primeiro muito lembrado por membros do ICC, embora não tenham atravessado o Ceará em período de calamidade climática, registraram em algumas passagens de seus diários de

²² FIGUEIREDO FILHO, José de. Euclides da Cunha, um civilizador do sertão. Revista de História, São Paulo, v.41, n.83, p. 169, 1970. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/revhistoria/article/view/129088/125724>. Acesso em: 15 nov. 2016. O mesmo artigo pode ser consultado em: Revista Itaytera, Crato, ano15, 1971, p. 101-108. Grifos meus.

²³ FIGUEIREDO FILHO, José de. Engenhos de rapadura no Cariri. Fortaleza: Edições UFC, 2010 [fac-símile da edição de 1958], p. 21. Grifos meus.

²⁴ Como informaram os editores do jornal O Araripe, por exemplo, o Cariri “de feito é um oásis no meio do grande deserto, quando o sol tem reduzido a pó as aprazíveis campinas do sertão. Aqui, numa constante verdura, uma perpétua primavera faz rir o coração ao emigrante que foge aos abrasados lares”. Mesmo nunca tendo visitado o Cariri, foi essa a imagem utilizada por Thomaz Pompeu de Sousa Brasil, em seu famoso Ensaio Estatístico da Província do Ceará, para caracterizar a região: “o vale é sem exageração de uma riqueza e vastidão, que faz lembrar o Oásis da Lybia para onde correm os árabes do deserto”. Respectivamente: A Província do Cariri. Jornal Araripe, ano 1, n.2, 14 de julho de 1855, p. 2; BRASIL, Thomaz Pompeu de Sousa. Ensaio estatístico da província do Ceará. Fortaleza: Fundação Waldemar Alcântara, 1997, t. II, p. 102. [Edição fac-símile de 1864].

²⁵ Expressão tomada de empréstimo de MENESES, *op. cit.*, p. 41.

viagemos contrastes entre Crato/Cariri e os caminhos por eles percorridos.

A aproximação da região e/ou sua observação a partir da colina ou ladeira de algum ponto da Chapada do Araripe, foram situações privilegiadas para individualizar o Cariri em seus aspectos naturais. Ao gosto de uma sensibilidade estética/contemplativa romântica, utilizaram-se de expressões como “riqueza da paisagem”, “árvores sempre verdes”, “verde e rica vegetação”, “tudo era verde e viçoso” - em Gardner -, “vigorosa vegetação”, “bonito panorama” e “bela e larga vista” - em Freire Alemão - para exprimir seus sentimentos e impressões. Aspectos que formavam “contraste com o sertão”, de acordo com o botânico brasileiro, ou com partes do Ceará que, na estação seca, “era pouco melhor que um deserto”, segundo o naturalista inglês.²⁶

Antes deles, o relato de outro viajante, este sem pretensões científicas, também realçou, desta feita ao afastar-se do Cariri em direção à Pernambuco, o contraste que também impressionaria mais tarde os dois botânicos. Após onze dias em Crato e cinco em Jardim, entre julho e agosto de 1829, Petroni, sua esposa, escravos e guias puseram-se em direção à província vizinha rumo ao Rio de Janeiro. Escreveu que durante todo “o tempo que durou aquela travessiatopamos sempre lugares muito aprazíveis que nos ministravam bons pousos”. No entanto, à medida que se distanciavam do Cariri “sentiam “uma diferença notável em [relação] à Natureza. Que contraste!”. Poucas linhas à frente, prossegue ele fornecendo-nos uma imagem que mais parece ter sido recortada de algum romance regionalista: “A Natureza aqui sempre estéril parecemoribunda, nem água nem planta, apenas xique-xique e cabeça de frade, dois arbustos de espinhos que servem de alimento à pobreza e ao gado nos tempos de penúria e seca”.²⁷

Apesar de não terem, como dito acima, realizado suas viagens pelo Ceará em período de seca e testemunhado a força de seus efeitos na vegetação e solo, momento em que, como é recorrente na documentação, o contraste entre o Cariri e as áreas atingidas tornavam-se mais “flagrante”, reuniram em seus escritos “dados” da natureza e impressões que conformavam uma representação da região como singular em função de suas condições

²⁶ GARDNER, George. Viagem ao interior do Brasil. Belo Horizonte: Editora Itatiaia; São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1975, p. 92 (ver também p. 93-104); ALEMÃO, Francisco Freire. Diário de viagem de Francisco Freire Alemão. Fortaleza-Crato (1859). Fortaleza: Museu do Ceará, Secretaria de Cultura do Estado do Ceará, 2006, p. 234; ALEMÃO, Francisco Freire. Diário de viagem de Francisco Freire Alemão. Crato-Rio de Janeiro (1859-1860). Fortaleza: Museu do Ceará, Secretaria de Cultura do Estado do Ceará, 2007, p. 37-60.

²⁷ PARENTE, Filipe Alberto Patroni Martins Maciel. A viagem de Patroni pelas Províncias Brasileiras. De Ceará, Rio de S. Francisco, Bahia, Minas Geraes e Rio de Janeiro: nos anos de 1829 e 1830. Rio de Janeiro: Typographia Imparcial de Brito, 1836, Parte I. Disponível em: <http://www.brasiliana.usp.br/handle/1918/01424600#page/78/mode/1up>. Acesso em: 11 ago. 2016.

ambientais. O verde da floresta e das plantações cultivadas, primeiro elemento de contraste percebido pelos sentidos por quem se avizinhava ou se postava de algum ponto alto da Chapada do Araripe, figurou, nesse aspecto, como importante “valor” na subjetivação e construção de representações para o Cariri. O recurso de se posicionar em atitude contemplativa foi transposto dos relatos de viagem para a literatura de ficção e publicações de trabalhos científicos, tendo sido utilizado por membros do ICC como forma de fixar, ao conduzir o olhar do leitor, a imagem de “ilha verdejante” para a região.

Antes de Irineu Pinheiro e sua descrição das “lindíssimas paisagens [cairienses] vistas das ladeiras da chapada Araripina”²⁸, José de Figueiredo Filho, em romance lançado em 1937 e que narra a saga de uma família sertaneja que migrara para o Cariri fugindo da seca, recorreu aos artifícios da aproximação e do posicionamento de seus personagens em algum lugar escarpado permitindo, assim, um quadro amplo da região:

Depois de algumas horas de enfadonha viagem, pouco a pouco a natureza foi se modificando. **A vegetação tornou-se mais verdejante**, a despeito da quase falta absoluta de chuvas. É que o trem penetrava no Cariri, **região mais aquinhoadá pelos recursos naturais** do que a maioria de todo o Estado [...].

Após caminhada de três exaustivos dias, os retirantes penetraram na zona caririense. Muitos respiraram mais desafogadamente em presença da **natureza verdejante**. [...] A chapada do Araripe, sempre majestosa, estendia o manto azulado no horizonte como a envolver protetoramente a região abençoada. **Verdadeiro oásis dos sertões ressequidos**.

[...] **Do alto da ladeira** os sertanejos pararam um instante para admirar o **belíssimo panorama**, nunca até então contemplado pelos olhos habituados à monotonia das caatingas.²⁹

A travessia do sertão durante crises climáticas constituiu-se, portanto, em recurso privilegiado para construir e marcar as diferenças de paisagem do Cariri em relação às terras em seu entorno.³⁰ De maneira semelhante, embora não recorrendo à narrativa da seca,

²⁸ PINHEIRO, Irineu. Efemérides do Cariri. *Op. cit.*, p. 14.

²⁹ FIGUEIREDO FILHO, José de. *Renovação*. São Paulo: Livraria Odeon, 1937. A obra foi classificada como “Romance de aspectos sociais do Nordeste Brasileiro”. O prefácio é de Gustavo Barroso. As citações encontram-se nas páginas 24, 45 e 57, respectivamente. Grifos meus.

³⁰ O Almanaque do Ceará, impresso em 1904, divulgou em suas páginas trecho de um romance que seria publicado por Soriano de Albuquerque. Não encontrei pistas de continuidade do enredo e se a obra chegou a ser lançada, mas os parágrafos iniciais indicam que na transição do século XIX para o XX o recurso de apresentar o Cariri em oposição a um cenário de seca favorecia à produção dos efeitos desejados: “Os viajantes haviam ultrapassado os limites dos campos mirrados do sertão, das áridas extensões por vezes pedregosas, e entrado na região ubérrima do Cariry. Daquele ponto desdobravam-se terrenos sob a vestidura de vegetação opulenta e varia. [...] O aspecto triste das paisagens encontradas a princípio demudara-se em louçanias viridentes. O inverno nesse ano se prolongava na região. Em mais o Cariry figura um perfeito oásis contrastando consideravelmente com os sertões que o cercam [...]. O ar contemplativo do moço revelava uma alma sonhadora [...]”. Ao chegar num alto fez o animal estacar para mais demorada contemplação do vastíssimo cenário que agora

Joaquim Alves interrompeu sua descrição científica para, em pinceladas poéticas, compor sua realidade sensível do vale caririense:

Quem rompe os sertões distantes da Bahia, Alagoas e Pernambuco, onde predominam as formações xerófilas com sua vegetação de espinhos, em galgando a chapada do Araripe, pela encosta setentrional, **ao atingir o alto da serra sente logo a mudança da paisagem geográfica**, e mais deslumbrado fica, ao avistar do lado cearense, a natureza ressurgida na **exuberância da flora e no verde dos canaviais** que pontilham a terra com **o verde gaio da sua folhagem**.

A vista do viandante descansa, contemplando a natureza virente de todo o vale do Cariri. **É um oásis em meio das terras adustas dos sertões nordestinos**. Fragmentando-se em altos que se antepõem [...] a serra do Araripe prende em uma **moldura verde** os municípios que se erguem à sua falda.³¹

A identificação do Cariri à imagem de “verdura”, entre outros qualificativos com o mesmo fim encontrados tanto na forma de apresentação/definição da região quanto no uso do formato de narrativa de travessia do sertão e de construção de “vistas panorâmicas” para caracterizar a excepcionalidade de sua natureza, portanto, foi uma das principais estratégias enunciativas constitutivas de uma paisagem identitária caririense. Nesse processo, a percepção visual, em que o “olhar” adquire o poder de prova de uma realidade, foi um dos principais sentidos explorados. O “nascer” e “viver” na região, ressaltados por Irineu Pinheiro como condição do “saber” e “sentir” o que “se deve entender por Cariri”, tinha na visão importante canal deflagrador de conhecimento e sentimentos de pertença.

Essa experiência visual, em parte partilhada também por aqueles que empreendiam viagens pelos sertões, estabelecia de forma imediata e legítima o contraste entre a região e seu exterior constitutivo. O semiárido, com seus quadros naturais dramaticamente descrito por Euclides da Cunha³² em contraste com a riqueza e variedade da paisagem do centro-sul do país, era apresentado e representado como a antítese do Cariri cearense. O primeiro, incorporado algumas imagens e vocábulos euclidianos, caracterizado como de natureza árida, estéril, monótona, adusta, de vegetação ressequida e de sol abrasador; o segundo, como

o seu olhar abrangia [...]. Viam-se terrenos variados de montes e vales, tratos de terras cultivadas, pondo largas manchas verdes claras no panorama”. ALBUQUERQUE, Soriano. O Cariry. In: **Almanache Administrativo, Estatístico, Mercantil, Industrial e Litterario do Estado do Ceará para o ano de 1905**. Fortaleza: Empresa Typographica, 1904, p. 167-168. Grifos meus. O autor nasceu em Pernambuco no ano de 1877 e morreu em Fortaleza em 1914. Formou-se em Direito em Recife e em 1899 foi para o Crato exercer a função de juiz substituto. Cf: BORGES, Raimundo de Oliveira. **O Crato intelectual (Dados biobibliográficos)**. Crato, Coleção Itaytera, 1995, p. 202-206.

³¹ ALVES, Joaquim. O Vale do Cariri. Seu povoamento e desenvolvimento. In: **Anais do X Congresso Brasileiro de Geografia**. Rio de Janeiro: IBGE, vol. III, 1952, p. 393-394. A mesma composição encontra-se em outra obra do autor: O Vale do Cariri. In: **Revista do Instituto Histórico do Ceará**. Fortaleza, 1945, p. 98. Grifos meus.

³² CUNHA, Euclides. Os Sertões. In: Euclides da Cunha. Obras completas. Rio de Janeiro: Companhia José Aguilar Editora, 1966.

de vegetação exuberante com matizes diversificados de verde, com fontes perenes e solo fértil. Aquele sertão, este oásis.

A produção dos membros do ICC ao acionar e atualizar enunciados, imagens e léxicos que atravessaram o século XIX como metáforas da paisagem que se formava, pode ser tomado, nesse sentido, como testemunho de uma tradição paisagística que se instituía para o Cariri entre oitocentos, especialmente, em sua segunda metade, e o século XX. Ao mesmo tempo em que atualizavam e inventavam tradições no que se refere ao seu passado histórico e ao folclore³³, atendendo ao projeto de valorização da região e criação de uma consciência regionalista, constituíam também uma paisagem identitária que expressava continuidade.

Legada como herança em suas linhas mestras, as representações paisagísticas postas em circulação pelos agentes do ICC sustentavam-se em elementos que reunidos e ordenados formavam uma imagem coerente e verosímil do Cariri como “oásis do sertão”. Nesse aspecto, retomando a menção à distensão dos limites físicos do território caririense feita na introdução deste artigo, é compreensível a resistência em adotar as divisões oficiais que, à medida que somava novos critérios para efetuar seu recorte, descaracterizava o que tradicionalmente identificava-se, reconhecia-se e aceitava-se como sendo o Cariri cearense.

Não por acaso, Irineu Pinheiro, em prolongamento de sua descrição pictórica do que seria o Cariri propriamente dito e dos municípios que “*in totum* ou em parte” lhe corresponderiam, afirmou em seu livro “O Cariri. Seu descobrimento, povoamento, costumes” que é “assim que o povo caririense entende a região em que mora, sem dar-lhe limites exatos de rios, relevos geográficos etc.”³⁴

Complementando sua definição, citou como prova de ancestralidade e veracidade desta forma perceptiva trecho retirado do jornal O Araripe que desenhava para os leitores os contornos geográficos da região:

Há quase cem anos, em seu número 2, escreveu o hebdomadário cearense ‘O Araripe’ que o Cariri ‘é uma cinta de mais de sessenta léguas de comprimento sobre 2 ou mais de largura, acompanhando as curvas da montanha do Araripe’. Estas terras, acrescentou ainda o jornal, e ‘os brejos de não menor vastidão e semelhantemente produtivos’, devem reunir-se ‘aos que não são suscetíveis das irrigações, mas servem como aqueles à cultura de cereais e são o sêxtuplo deles’.³⁵

O traçado corresponde a algumas orientações de caminhos percorridos pelos viajantes e à divisão política e administrativa do Cariri correspondente ao ano de 1872 (Crato,

³³ SILVA, *op. cit.*

³⁴ PINHEIRO, *op. cit.*, p.7.

³⁵ FIGUEIREDO FILHO, José de. O que é o Cariri propriamente dito? *Op. cit.*, p.7. A referência da matéria citada é: A Província do Cariri. Jornal O Araripe, ano 1, n.2, 14 de julho de 1855, p. 2.

Barbalha, Jardim, Milagres e Missão Velha). Ao comparar-se os traçados, atualizados e acrescidos algumas denominações de lugares, percebe-se que eles se aproximam grandemente em seu desenho territorial - mantendo-se praticamente inalterado até fins dos anos 1940.

De meados do oitocentos, período em que as divisões internas do Ceará ainda não tinham adquirido fronteiras espaciais precisas a partir de critérios técnico-científicos, à primeira metade do século XX, portanto, predominou entre os caririenses o critério de identificação da região operado a partir da ordenação de seus elementos naturais. As percepções sensoriais, especialmente a visual, era o que tornavam, tomando emprestada as palavras de Maria Cunha, a “região nítida e sensível” para quem, como disse Irineu Pinheiro, “nasceu e tem vivido ali”.³⁶ Dessa forma, Irineu Pinheiro e José de Figueiredo Filho, dentre outros membros do ICC, recuperavam modos de ver e sentir a região a partir de códigos culturais e convenções partilhadas, em grande medida, entre sua geração e a anterior e que operavam na criação de um “olhar coletivo”.³⁷

Considerações Finais

As apropriações afetivas e estéticas do espaço organizadas e representadas, em última instância, por meio da imagem síntese de oásis, portanto, arrastavam consigo “camadas de lugar-comum” herdadas de enquadramentos anteriores delimitados não pelo traçado de fronteiras impostas pelo poder político, mas pela interiorização dos sentimentos de pertencer a uma região de natureza privilegiada. Nessa perspectiva, ao ativarem em suas percepções sensíveis da paisagem as tópicas fontes perenes, vegetação verdejante, solo fértil - e sua variante celeiro do sertão -, os membros do ICC reforçavam e perpetuavam formas de compreensão e de atribuição de sentidos que orientavam o olhar e conformavam fronteiras identitárias para a região.

Considerando, como o faz Cauquelin e outros autores, que a natureza como paisagem se dá pela “transmissão de olhares”, ao acionarem e atualizarem a representação do Cariri como oásis, os membros do ICC agiam tanto como testemunhos, eles próprios educados por meio das experiências de seus antecessores, quanto doadores dessa mesma realidade sensível que fundamentava a identidade regional - atribuindo-lhe uma forma “natural” de existência. Sua recorrência, portanto, não pode ser compreendida como cumprimento frio de uma meta política

³⁶ CUNHA, op. cit., p. 177; PINHEIRO, Irineu. Efemérides do Cariri. *Op. cit.*, p.13.

³⁷ CAUQUELIN, *Op. cit.*; SCHAMA, *Op.cit.*

traçada pelos fundadores e mantenedores do ICC de valorização da região, mas como expressão de afetividades ancestrais que (re)criavam vínculos de pertencimento e (re)conhecimento da região por sua paisagem singular.³⁸

Compreende-se, então, a atitude de resistência frente às intervenções política-administrativas que entre as décadas de 1950 e 1970 tornavam elásticas as fronteiras caririenses ao incorporar parcelas de terra tradicionalmente identificadas às áreas sertanejas.³⁹ A inclusão de municípios que desarmonizavam a representação geográfica-paisagística fundada em seus elementos naturais, já que quanto mais distante dos sopés da Chapada e de seus vales mais entra-se no semiárido, gerava sentimentos de não identificação com o que se “sabia” e “sentia” ser o Cariri - lembrando mais uma vez Irineu Pinheiro. Afinal, ufanavam-se os caririenses “de suas águas correntes, suas paisagens verdejantes nos mais rigorosos estios [...]”.⁴⁰ Esta imagem virente e de fertilidade é a que se desejou dar continuidade, não obstante a elasticidade territorial que foi submetido o Cariri.

Mais do que um exercício arbitrário de adição, subtração e manutenção desse ou daquele município como pertencente ao Cariri, o que estava em jogo, portanto, era a atualização de determinadas ideias e imagens formadoras e conformadoras de uma identidade e compreensão da região como espaço excepcional a partir da constituição de uma paisagem regional que teve como importante vetor cognitivo, estético e simbólico elementos de sua realidade ambiental. Não à toa a resistência à distensão de suas “tradicionalis fronteiras”.

Referências

Fontes

ALVES, Joaquim. O Vale do Cariri. **Revista do Instituto Histórico do Ceará**. Fortaleza, 1945, p. 94-133.

_____. O Vale do Cariri. Seu povoamento e desenvolvimento. **Anais do X Congresso Brasileiro de Geografia**. Rio de Janeiro, IBGE, vol. III, p. 390-424, 1952.

ARAÚJO, Antônio Gomes de. Concurso da Bahia na formação da *gens* caririense. In:

_____. **Povoamento do Cariri**. Crato, Faculdade de Filosofia do Crato,

³⁸ CAUQUELIN, *op. cit.* Foram consultados também: CATROGA, *op. cit.*; MURARI, Luciana. Natureza e cultura no Brasil (1870-1922). São Paulo: Alameda, 2009.; NAXARA, Márcia Regina Capelari. Cientificismo e sensibilidade romântica. Em busca de um sentido explicativo para o Brasil do século XIX. Brasília: Editora UNB, 2004; SCHAMA, *op. cit.*

³⁹ SILVA, *op. cit.*

⁴⁰ PINHEIRO, Irineu. O Cariri. Seu descobrimento... *Op. cit.*, p.7.

Coleção Estudos e Pesquisas, v. 6, 1973.

ALBUQUERQUE, Soriano. O Cariry. *In: Almanache Administrativo, Estatístico, Mercantil, industrial e literário do Estado do Ceará para o ano de 1905*. Fortaleza: EmprezaTypographica, 1904, p. 167-168.

ALEMÃO, Francisco Freire. **Diário de viagem de Francisco Freire Alemão. Fortaleza-Crato (1859)**. Fortaleza: Museu do Ceará, Secretaria de Cultura do Estado do Ceará, 2006.

_____. **Diário de viagem de Francisco Freire Alemão. Crato-Rio de Janeiro (1859-1860)**. Fortaleza: Museu do Ceará, Secretaria de Cultura do Estado do Ceará, 2007.

BRASIL, Thomaz Pompeu de Sousa. **Ensaio estatístico da província do Ceará**. Fortaleza: Fundação Waldemar Alcântara, 1997, t. II, p.102 [Edição fac-símile de 1864].

Estatutos do Instituto Cultural do Cariri (1953). *Revista Itaytera*, Crato, ano 1, 1955, p.181. **Estatutos do Instituto Cultural do Cariri** (1976). Disponível em: <http://icccrato.blogspot.com.br/search?q=estatuto>. Acesso em: 02 mar. 2016.

FIGUEIREDO FILHO, José de. Euclides da Cunha, um civilizador do sertão. *Revista de História*, São Paulo, v.41, n.83, p. 179-188, 1970. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/revhistoria/article/view/129088/125724>. Acesso em: 15 set. 2016.

_____. **Engenhos de rapadura no Cariri**. Fortaleza: Edições UFC, 2010. [fac-símile da edição de 1958].

_____. **Renovação**. São Paulo: Livraria Odeon, 1937.

GARDNER, George. **Viagem ao interior do Brasil**. Belo Horizonte: Editora Itatiaia; São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1975.

Itaytera (Revista). Crato, 1955-1980.

O Araripe (jornal). Crato, 1855.

O Município (jornal). Crato, 29/03/1950.

PARENTE, Filipe Alberto Patroni Martins Maciel. **A viagem de Patroni pelas Províncias Brasileiras. De Ceará, Rio de S. Francisco, Bahia, Minas Geraes e Rio de Janeiro: nos anos de 1829 e 1830**. Rio de Janeiro: Typographia Imparcial de Brito, 1836, Parte I. Disponível em: <http://www.brasiliana.usp.br/handle/1918/01424600#page/78/mode/1up>. Acesso em: 11 ago. 2016.

PINHEIRO, Irineu. **O Cariri**. Seu descobrimento, povoamento, costumes. Fortaleza: FundaçãoWaldemar Alcântara, 2009. [fac-símile da edição de 1950].

_____. **Efemérides do Cariri**. Fortaleza: Edições UFC, 2010. [fac-símile da edição de 1963].

PINHEIRO, Raimundo Teles. O Cariri cearense. *Revista Itaytera*, Crato, ano 23, 1979, p. 171.

Bibliografia

ANDERSON, Benedict. **Comunidades imaginadas**. Reflexões sobre a origem e difusão do nacionalismo. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

BERQUE, Augustin. Paisagem-marca, paisagem-matriz: elementos da problemática para

uma geografia cultural. In: CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny (Org.). **Paisagem, tempo e cultura**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1998, p. 84-91.

BORGES, Raimundo de Oliveira. **O Crato intelectual (Dados biobibliográficos)**. Crato, Coleção Itaytera, 1995.

BOURDIEU, Pierre. A identidade e a representação. Elementos para uma reflexão crítica sobre a ideia de região. In: _____. **O poder Simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003. CARVALHO, José Murilo de. O motivo edênico no imaginário social brasileiro. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, São Paulo, v. 13, n. 38, 1998. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-69091998000300004. Acesso em: 01 jun. 2016.

CATROGA, Fernando. Pátria, Nação, Nacionalismo. In: TORGAL, Luís Reis; PIMENTA, Fernando Tavares; SOUSA, Julião Soares (coords.). **Comunidades Imaginadas**. Nação e nacionalismos em África. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2008, p. 9-39.

CAUQUELIN, Anne. **A invenção da paisagem**. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

CUNHA, Euclides. Os Sertões. In: **Euclides da Cunha. Obras completas**. Rio de Janeiro: Companhia José Aguilar Editora, v.2, 1966.

CUNHA, Maria Soares da. **Pontos de (re)visão e explorações historiográficas da abordagem regional: exercício a partir do Cariri cearense (séculos XIX e XX)**. 2012. Tese (Doutorado em Geografia) – Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2012.

DRUMMOND, José Augusto. A história ambiental: temas, fontes e linhas de pesquisa. **Estudos Históricos**. Rio de Janeiro, 2001, vol. 4, n. 8, 177-197. Disponível em: http://www.moodle.ufba.br/file.php/11646/Hist_ria_ambiental.pdf. Acesso em: 01 mai. 2013.

GUIMARÃES, Fábio de Macedo Soares. **Divisão Regional do Brasil**. Rio de Janeiro, IBGE, 1942. Disponível em: http://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/monografias/GEBIS%20%20RJ/divisaoregionalbras_il.pdf. Acesso em: 21 ago. 2016.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2000. MAGALHÃES, Alexsandra de Oliveira. **Análise ambiental do alto curso da microbacia do Rio da Batateira no município do Crato/CE: subsídios ao zoneamento ecológico-econômico**. 2006. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2006. MENESES, Ulpiano T. Bezerra de. A paisagem como fato cultural. In: YÁZIGI, Eduardo (org.). **Turismo e paisagem**. São Paulo: Contexto, 2002. p. 29-64.

MURARI, Luciana. **Natureza e cultura no Brasil (1870-1922)**. São Paulo: Alameda, 2009. NAXARA, Márcia Regina Capelari. **Cientificismo e sensibilidade romântica**. Em busca de um sentido explicativo para o Brasil do século XIX. Brasília: Editora UNB, 2004.

ROSENDAHL, Zeni; CORRÊA, Roberto Lobato (Orgs.). **Paisagem, imaginário e espaço**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2001, p. 103-133.

SCHAMA, Simon. **Paisagem e memória**. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

SOUSA, Julião Soares (coords.). **Comunidades Imaginadas**. Nação e nacionalismos em África. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2008, p. 9-39.

SILVA, Jane D S e. **Um “oásis” chamado Cariri: Instituto Cultural do Cariri, natureza,**

paisagem e construção identitária do sul cearense (1950-1970). 2019. Tese (Doutorado em História) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2019.

SILVA NETO, Basílio. **Perda da vegetação natural na Chapada do Araripe (1975-2007) no estado do Ceará**. 2013. Tese (Doutorado em Geografia) – UNESP, São Paulo, 2013.

THIESSE, Anne-Marie. Ficções criadoras: as identidades nacionais. **Anos 90**, Porto Alegre, 9(15), p.7-23, 2008. Disponível em: <http://www.seer.ufrgs.br/anos90/article/viewFile/6609/3932>. Acesso em 10 set. 2014.

_____. *La Petite Patrie enclose dans la grande*: regionalismo e identidade nacional na França durante a Terceira República (1870-1940). **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 8, n. 15, 1995, p. 3-16.